

BC admite mudar regulamentação

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

O Banco Central (BC) não vê com reservas a possibilidade de alterar a regulamentação que permite a conversão de parte da dívida externa em capital de risco no País.

Fernando Milliet, presidente do BC, que participou no sábado de um debate com economistas do PMDB durante a convenção nacional do partido, disse que acha estranho que alguns congressistas tenham reação tão forte quando se fala em conversão da dívida.

Segundo ele, já existe um volume de capital estrangeiro dentro da economia e não há razão para se restringir a circulação desses recursos, desde que haja moderação e que não privilegiem aleatoriamente um ou outro setor.

Milliet observa que a rigor o BC pode alterar a qualquer momento a regulamentação do mecanismo de conversão da dívida, e que ela não apresenta perigo de desnacionalização da economia, na medida em que corresponde a uma fatia pequena de recursos, ou parte dos juros da dívida que deveriam ser pagos em dólares e que, com a conversão, acaba sendo liquidada em moeda nacional.

"É bom pagar a dívida em cruzados, principalmente um país que está com baixo nível de reservas, pois, caso contrário, não estaria em regime de moratória."

Ao conversar com este jornal no final da semana, o presidente do BC explicou que são estudados vários esquemas para a conversão e que em alguns deles haverá espaço para a conversão em montante menor que a demanda por dinheiro, especialmente quando se considera que a economia está crescendo.

LICITAÇÕES

Neste caso, as autoridades monetárias podem arbitrar esta diferença por meio de licitações. A concorrência entre as instituições para converter a dívida em investimento gera o deságio nos preços dos títulos da dívida e parte desse deságio será apropriado pelo País.

Outra vantagem no processo de conversão, na opinião de Milliet, é o fato de existir o deságio como um motivo a mais para que os investidores menores — que contam com várias opções de investir em países diferentes — acabem optando pelo Brasil. "O deságio que é suportado apenas pelos bancos credores pode ser dividido com o investidor", explica.

A conversão da dívida não faz parte de pauta de discussão entre autoridades brasileiras e americanas, além do Fundo Monetário Internacional e dos bancos credores, que têm encontros sucessivos nesta semana em Washington e Nova York. O presidente do BC esclarece mais uma vez que a viagem é de contatos preliminares.

Milliet destaca um fato novo no processo de rene-



Fernando Milliet

gociação: a existência de um plano para a economia (o Plano de Consistência Macroeconômica) que atende a um antigo anseio dos credores.

"O plano será apreciado pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico, e a

partir daí já temos as condições necessárias para iniciar a conversação com os credores. O plano será apresentado para órgãos oficiais, para autoridades americanas, para o FMI e bancos. A partir desse plano, passamos para uma nova fase, a da triagem de várias opções para se chegar a um acordo."

O presidente do BC ressalta que o próprio plano já deixa claro o que o País pode e como pode pagar aos credores. "Queremos ser flexíveis dentro das nossas possibilidades e não estar contra os credores, porque não existe razão alguma para dificultar as negociações. E, se possível, vamos procurar sair da condição de moratória, que gera desconforto para as duas partes."

CONVERSACOES

Não existe uma estimati-

va de prazo para a retomada das conversações com os credores, mas Milliet espera que ele não seja longo, porque a partir daí serão feitas efetivamente propostas para a renegociação com o governo brasileiro procurando trabalhar com várias alternativas simultaneamente. A equipe econômica, liderada de um lado pelo ministro da Fazenda e de outro pelo presidente do BC, parte hoje à noite para Washington e Nova York.

Na próxima semana, o ex-chanceler Saraiva Guerreiro e o embaixador Rubens Barbosa viajam para a Europa para manter contatos com membros do Clube de Paris, e o assessor especial para Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda, Yoshiaki Nakano, parte para o Japão.